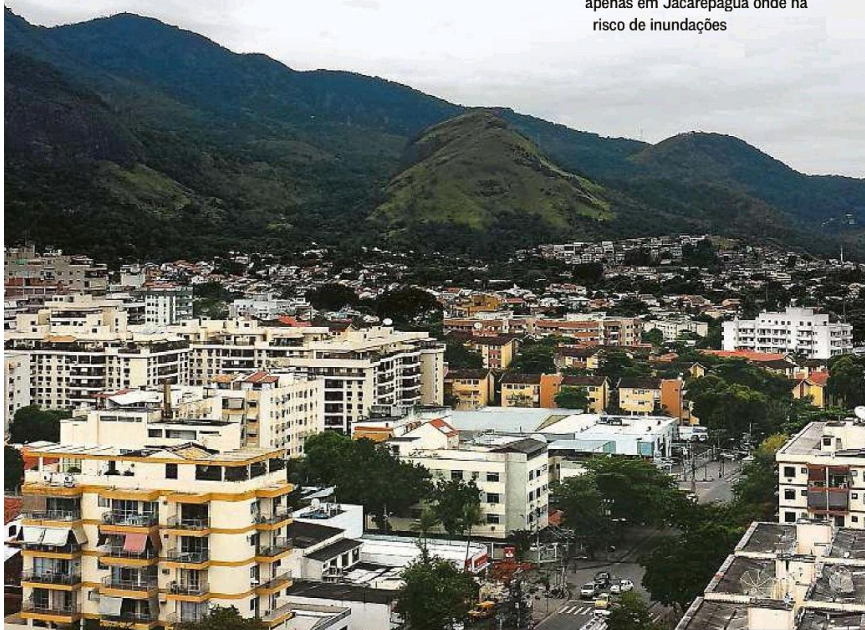


Tomara que chova pouco

Relatório da prefeitura lista 37 pontos apenas em Jacarepaguá onde há risco de inundações



Um problema de 50 anos



CARLOS IVAN/14-2-1996

1996. Carros empilhado em posto na Estrada do Tindiba



ARQUIVO/1966

1966. Jacarepaguá vira pantanal, após enchente histórica

No dia 11 de janeiro de 1966, O GLOBO publicava em sua primeira página a manchete "Temporal deixa mortes e desolação na cidade", acompanhada de um texto listando os danos causados pela chuva da noite anterior em cada região. A enchente, uma das mais graves do Rio de Janeiro, deixou marcas em Jacarepaguá. A região, ainda em grande parte rural, tornou-se um pantanal. Um trecho de 20 metros da Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá desmoronou, matando dez pessoas. Uma das soluções para o problema dos desabrigados em favelas da região, mais de três mil, foi a realocação na Cidade de Deus. Na época, o conjunto tinha duas mil unidades construídas e 200 em obras.

"As chuvas em nada prejudicaram as moradias proletárias, sendo pequeno o alagamento das ruas. Até mesmo um rio, que corta a cidade ao meio, não recebeu grande volume", escreveu O GLOBO.

Trinta anos depois, o rio, batizado de Rio Grande, transbordou. Ironicamente, desta vez, as moradias da Cidade de Deus foram brutalmente atingidas. ●

Com medo da chuva

Vítima histórica de enchentes, Jacarepaguá tem 37 áreas com risco de inundação, diz documento da Rio-Águas

FÁBIO TEIXEIRA
fabio.teixeira@oglobo.com.br

Há 20 anos, Jacarepaguá vivia uma tragédia. Em quatro horas, na madrugada de 14 de fevereiro, uma chuva torrencial encheu o Rio Grande, que passa pela Cidade de Deus e pelos arredores, fazendo-o transbordar, invadindo casas. No dia seguinte, a contabilidade era de seis mortos e 30 desaparecidos. A região nunca voltou a ver uma inundação destas proporções, mas o relatório de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais Urbanas, publicado no apagar das luzes de 2015, 29 de dezembro, mostra que pouco mudou. O documento lista 37 áreas com risco de inundação em toda a região, mas faz referência a muitos mais pontos que isso.

Um dos itens diz simplesmente que há risco de inundação “em vários trechos ao longo da Estrada do Boiúna.” A via, que corta a Taquara, tem cerca de 2,5 quilômetros. O mesmo acontece com outra via importante da região, a Estrada da Covanca, com seu 1,5 quilômetro.

O documento, da Fundação Instituto das Águas do Município do Rio de Janeiro (Rio-Águas), faz parte do Plano Municipal de Saneamento Básico, que todas as prefeituras do país se com-



GUILHERME LEPORACE

Dificuldade. Quando chove, Núbia Corrêa fica ilhada em sua casa



prometeram a entregar até o final de 2015. Além de apresentar os pontos com risco de alagamento, ele contém uma lista de intervenções que devem ser feitas para evitar novas inundações. Sete delas são no Rio Grande, protagonista da tragédia de 1996.

São alterações fáceis de relacionar, mas difíceis de executar, como o desassoreamento e a limpeza da área e a desapropriação de ocupa-

ções irregulares nas margens, além da ampliação da calha “nos trechos de capacidade restritiva”. Em sete áreas está previsto o desassoreamento do Rio Grande. Em quatro delas, há previsão também de desapropriação.

Enquanto as intervenções não são postas em prática, a população convive com enchentes frequentes. Moradora da Freguesia, a gestora ambiental Núbia Corrêa está há anos batalhando pela



Área de risco. O Rio Grande, na altura da Avenida Ayrton Senna: trecho do curso d'água, que já foi protagonista de tragédia, sofreu intervenções recentes, segundo a prefeitura

Construíram condomínios inteiros em cima dele. Hoje praticamente não se vê mais o rio”

NÚBIA CORRÊA,
GESTORA AMBIENTAL

área com uma placa de mármore com cerca de 60 centímetros de altura. Mesmo assim, não se sente completamente seguro:

— Coloquei isso há uns quatro anos. Impede uma chuvinha de entrar, mas, se vier um megatemporal, não segura.

A Secretaria municipal de Saneamento e Recursos Hídricos informou, por meio de nota, que a Rio-Águas está realizando uma série de intervenções em Jacarepaguá, com o objetivo de reduzir os riscos de enchentes na região.

De acordo com o órgão, a principal delas é o Programa de Recuperação da Bacia de Jacarepaguá. Quando finalizada, a obra deverá beneficiar cerca de 350 mil moradores com a requalificação dos 14 rios da região. “Deste total, nove já tiveram suas obras concluídas e foram entregues à população, somando 23 quilômetros de cursos d’água canalizados”, diz a nota da secretaria.

O órgão informa que o programa está proporcionando a melhoria das condições de drenagem. Até o momento, foram entregues obras nos rios Córrego da Pancla, Itanhangá/Amendoeira (afluente), Papagaio, São Francisco, Pequeno, Cachoeira, Muzema, Retiro, Banca da Velha, Sangrador e Grande (neste último caso, em parte do curso d’água). Prosseguem as intervenções nos rios Covanca, Pechincha e Tindiba. ●

reabilitação dos rios da região. Jacarepaguá está inserido em uma área com nada menos que sete rios. Núbria, porém, chama a atenção para o quase desaparecimento de alguns, como o Banca da Velha.

— Construíram condomínios inteiros em cima dele. Hoje praticamente não se vê mais o rio. O Banca da Velha teve seu curso completamente alterado — afirma ela. Ela mora perto de uma es-

pécie de “vale” em pleno Jacarepaguá, na região da Rua Edgar Werneck com a Retiro dos Artistas. Quando chove, a água desce das ruas vizinhas e se acumula no local, que é pavimentado. O resultado são alagamentos frequentes nas vias, dificultando a volta para casa.

— O dia em que chover de verdade vai ficar tudo debaixo d’água — prevê.

Dono de um box que serve bolos e salgados na Eko Feira

Modas, na esquina da Rua Geremário Dantas com a Estrada dos Três Rios, o comerciante Marcelo Velloso cansou de ver seu local de trabalho invadido pelas águas:

— Já trabalhei aqui com água até o joelho. Sempre que chove forte, perdemos pelo menos um dia de trabalho retirando a lama, e depois ainda fica um fedor de esgoto que pode durar dias.

Trata-se de um problema crônico e, como o próprio

documento da Rio-Águas prevê, os moradores se protegem como podem. “A população de áreas cronicamente afetadas por inundações tem tendência a reagir da mesma forma que os organismos vivos reagem às mudanças ambientais, criando formas próprias de mitigação dos danos para a proteção das atividades econômicas.”

Velloso ilustra a situação à perfeição. Para pelo menos preservar seu box, cercou a

É preciso conter ocupação

Quando a água começa a cair, a tensão domina os moradores de Curicica. Na sexta-feira passada, voltou a chover forte na região, com precipitação de 13,2 milímetros na Estrada Grajaú-Jacarepaguá, de acordo com relatório do Centro de Operações da prefeitura. A água não chegou a invadir casas, mas causou transtornos.

— Choveu bastante, mas felizmente não tivemos nada muito sério. A Rua da Ventura ficou totalmente cheia — afirma Teresinha dos Santos, citando uma das principais vias de Curicica.

Teresinha é presidente da Associação dos Sofredores de Curicica (Asolac), que tem como uma de suas principais bandeiras o pedido por obras de desassoreamento dos rios e desocupação das margens por construções irregulares. A preocupação está ancorada em perdas reais vividas em uma forte enchente, ocorrida em 11 de junho de 2006.

— Deu um metro e dez de água aqui em casa. Perdemos tudo; foram embora álbum de casamento, roupas. Tudo para o lixo — lamenta.

O curso d'água mais próximo de sua casa é o Rio Pavuninha, que passou por obras de desassoreamento em 2010, quando foram retirados 18 mil metros cúbicos de detritos. Mesmo assim, quando chove, ele volta a transbordar.

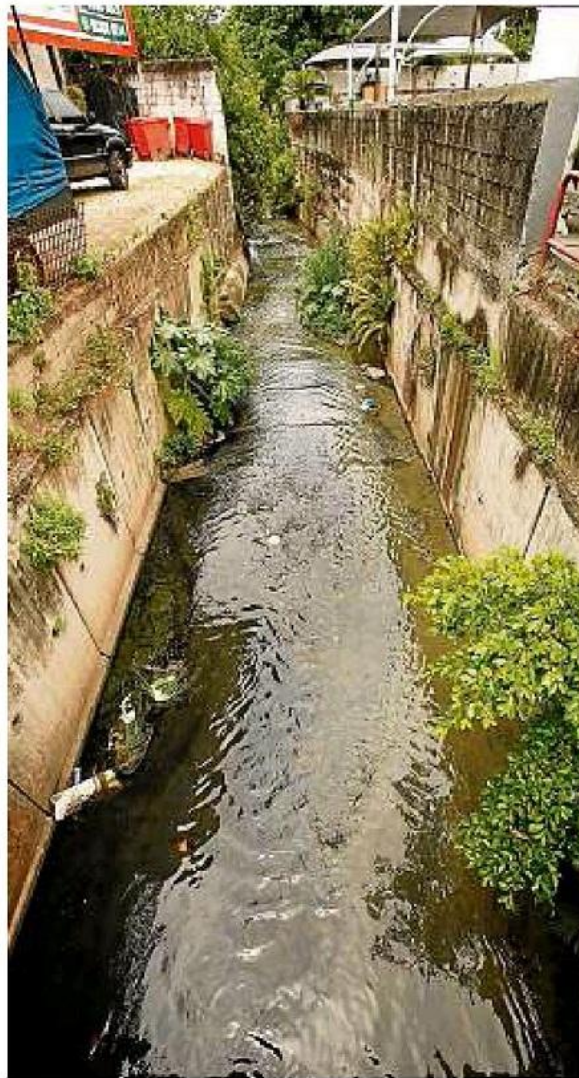
Teresinha não sabe, mas a tendência, se nada for feito, é que os problemas na região piorem. O Pavuninha faz parte da bacia hidrográfica do Arroio Pavuna e do Rio Guarenguê. De acordo com o documento da Rio-Águas, o maior risco está no futuro, não no presente.

“As questões (...) decorrem da possibilidade de expansão da ocupação urbana da bacia, portanto mais ligadas ao cenário futuro do que ao presente”, diz o documento. Mesmo assim, ele já identifica seis pontos de alagamento na região da bacia.

As cheias são tão comuns que se tornaram parte do folclore local da região. Antônio Cezar Miranda, morador de Jacarepaguá, estima que a cada dez anos haja uma grande enchente no bairro.

— Teve em 1966, 1976, 1986, 1996 e 2006 — afirma Miranda. — Vamos ver se este ano a gente escapa. Quando eu trabalhava na Praça Seca, cansei de ver água invadindo meu prédio.

Vice-presidente do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá, Val Costa diz não



Banca da Velha. Rio, com trechos obstruídos, recebeu intervenções

haver sustentação na teoria da enchente a cada dez anos. Ele chama a atenção, porém para a morfologia da região, que ajuda na recorrência do fenômeno.

— É um problema histórico, mas não dá para culpar a natureza. Isso aqui é uma questão de geomorfologia. Desmataram as encostas e fizeram a impermeabilização da área da baixada. Além disso, o solo da região é hidromórfico; sua capacidade de absorção é muito baixa.

Na Cidade de Deus, a tragédia ocorrida há 20 anos virou filme. Com 28 anos na época, o cineasta Paulo Silva trabalhou em conjunto com outro morador, o também cineasta Júlio Pecly, e lançou em 2010 o documentário “Enchente.” O filme retrata o ocorrido por meio de imagens inéditas da noite da tragédia, feitas por um morador:

— O número oficial de mortos em Jacarepaguá ficou na casa de 20, mas sabemos que foi mais. Foram encontrados moradores da Cidade de Deus na Barra e no Recreio — conta Silva.

O longa foi exibido na 14ª Mostra de Tiradentes, em janeiro de 2011. Sua estreia veio poucos dias após o temporal na Região Serrana, que oficialmente deixou 918 mortos e afetou dez mil pessoas. “Enchente” termina com a seguinte pergunta: “Quando será a próxima?” ●